

# Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA  
ANTÓNIO M. MONGE SOARES

**R E S U M O** A lápide epigrafada da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja) apresenta inscrições em caracteres do SO. em ambas as faces. Apesar de fortemente truncados, pode concluir-se que os textos foram gravados da direita para a esquerda, à semelhança do que sucede com a grande maioria das inscrições do SO. Excepcionalmente, dadas as dimensões do suporte, a lápide não deverá possuir um carácter funerário. Diverso material, designadamente cerâmico, recolhido na Folha do Ranjão permite estabelecer o contexto arqueológico associado à placa epigrafada.

**A B S T R A C T** An engraved slab with SW-inscriptions on both faces was found at the archaeological site of Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). Although the inscriptions are badly truncated, we can recognise that they were engraved from the right to the left as it is usual in SW writing. Due to the dimensions of the slab, we can infer that the inscriptions do not have a funerary character. Early Iron Age decorated ceramics of several kinds were collected at the habitat of Folha do Ranjão.

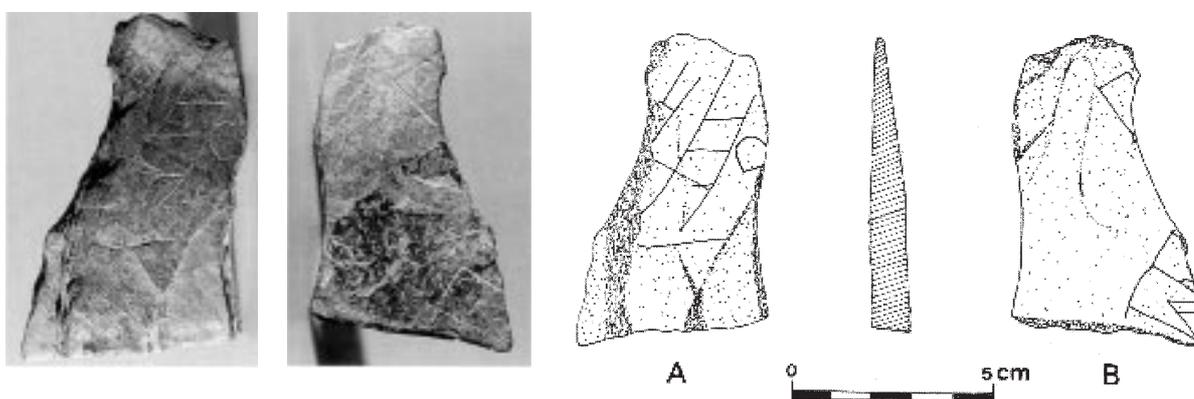
## Introdução

O sítio arqueológico da Folha do Ranjão foi identificado há vários anos por um de nós, tendo sido referidas as suas ocupações durante o Calcolítico Final (Soares, 1992, p. 294) e durante a Época Moderna (Soares, 1992, p. 301). Situa-se numa mancha de solos de classe A (barros de Beja), de boa qualidade agrícola, próximo do Guadiana (Fig. 1). Nunca foi objecto de qualquer escavação arqueológica, mas prospecções superficiais entretanto levadas a cabo permitiram identificar e precisar melhor as diversas ocupações que o local sofreu. Assim, foi recolhida cerâmica campaniforme incisa (estilo Ciempozuelos), cerâmica de ornatos brunidos (Bronze Final do Sudoeste), cerâmica atribuível à Idade do Ferro, cerâmica vidrada de vários tipos, entre eles, cor de mel e Medina Azahara (ocupação muçulmana) e cerâmica e arte-



No dia 31 de Outubro de 1997, numa prospeção efectuada na Folha do Ranjão após uma lavoura, foi encontrado o fragmento de placa objecto desta nota (ver Figs. 2 e 3). O fragmento conservado permite verificar que se trata de uma pequena placa de xisto cinzento esverdeado, com uma espessura que varia entre os 10 mm e os 3 mm e com uma largura de cerca de 7 cm. Ignora-se o seu comprimento, uma vez que se encontra fracturada longitudinalmente, à direita e à esquerda do fragmento conservado.

A placa encontra-se epigrafada nas duas faces. As inscrições, entre cartelas, foram gravadas com um instrumento pontiagudo e afiado, donde resulta um *ductus* fino e regular.



Figs. 2 e 3 Placa da Folha do Ranjão

### Leitura das inscrições

É possível constatar que, apesar de fortemente truncados, os textos de ambas as faces foram gravados da direita para a esquerda, à semelhança do que sucede com a grande maioria das inscrições do SO.

A face A conteria apenas uma linha, na qual se reconhecem apenas três signos, de dimensões diversas. Levando em conta alguns dos mais recentes trabalhos sobre a valoração do segundo signo reproduzido na sequência gravada nesta face (Correa, 1992, p. 93; Correa, 1993, p. 543; Untermann, 1995, p. 247; Correa, 1996a, p. 69), a leitura completa da mesma deverá ser **JeK(u)u**]. O único paralelo seguro para a sequência de caracteres em análise encontra-se na inscrição de Fonte Velha II (Correia, 1996, p. 80, n.º 10), havendo, igualmente a probabilidade de a mesma sequência se encontrar documentada na estela de Benaciate II (Correia, 1996a, p. 121, n.º 51), se o silabograma que sucede ao signo de e for considerado alógrafo de **K(u)** (Correa, 1987, p. 281). Ainda no que diz respeito à gravação do segundo signo, importa assinalar que uma ligeira falha na superfície da placa, devida à franca xistosidade do suporte, fez desaparecer parte do respectivo segmento horizontal inferior. Por outro lado, observa-se a gravação de uma linha que corta o referido silabograma e se dirige para a esquerda. A esta linha não deve atribuir-se qualquer significado, devendo-se, possivelmente, à inabilidade do lapicida.

No canto superior da face B são visíveis dois grafemas, encontrando-se no canto superior esquerdo aquilo que poderá ser interpretado como a parte final da cartela e, provavel-

mente, um pequeno segmento do último signo inscrito, totalmente ininteligível. Os dois signos acima referidos, provavelmente pertencentes a um mesmo morfema, lêem-se *ir*, sequência bastante vulgar nas inscrições do SO.: Ourique IV (Correia, 1996a, p. 76, n.º 6), Fonte Velha III (Correia, 1996a, p. 81, n.º 11), Fonte Velha V (Correia, 1996a, p. 83, n.º 13), Cerro dos Enforcados I (Correia, 1996a, p. 87, n.º 17), Vale dos Vermelhos I (Correia, 1996a, p. 89, n.º 19), Alcoutim (Correia, 1996a, p. 90, n.º 20), Tavilhão I (Correia, 1996a, p. 91, n.º 21), Vale dos Vermelhos III (Correia, 1996a, p. 93, n.º 23), Pego I (Correia, 1996a, p.111, n.º 41), Pego II (Correia, 1996a, p.112, n.º 42), Abóbada I (Correia, 1996a, p.118, n.º 48), Monte Novo do Visconde (Correia, 1996a, p.130, n.º 60) e Cerca do Curalão (Correia, 1996a, p.133, n.º 63).

Do ponto de vista funcional, as dimensões do suporte, que, dada a pouca espessura do mesmo, não deviam ser muito maiores do que as actuais, levam-nos a excluir a possibilidade de esta inscrição possuir um carácter funerário, ao invés do que se passa em relação à maioria das outras inscrições, que, de um modo geral, encerram com uma fórmula funerária (Untermann, 1995, p. 249-254).

A presente inscrição deve situar-se, tal como todas as outras que pertencem à chamada cultura do SO., entre os séculos VII e V a.C. (Coelho, 1976, p. 203-204; Gamito, 1991, p. 90; Correa, 1996b, p. 239-241), cronologia confirmada pelas poucas datações por <sup>14</sup>C até hoje obtidas (Gamito, 1991, p. 90). Certamente mais recentes são o grafito de Garvão e a legenda toponímica das moedas de Alcácer do Sal. No entanto, ambas as inscrições revestem características *sui generis* que nos levam a excluí-las da cultura do SO. Quanto a esta última, já por mais de uma vez foram expostas as razões que justificam a sua exclusão da civilização das estelas (Correa, 1982, p. 72-73; Faria, 1992, p. 40; Correa, 1996b, p. 249; Correia, 1996a, p. 62, n. 248); sobre o grafito gravado no fundo de uma taça de cerâmica recolhida no depósito votivo de Garvão, nada temos a acrescentar ao que J. A. Correa afirmou na conferência proferida na Figueira da Foz, em 15 de Outubro de 1994, no âmbito do VI colóquio de línguas e culturas pré-romanas da Península Ibérica (v. igualmente Correa, 1996a, p. 69). No texto incluído nas actas do referido colóquio, Correa entendeu não aprofundar o estudo do grafito, que acabou por ser publicado por Correia (1996b, p. 272). Dele consta o NP **aiot(i)ii** (gen. sg.), lido por este último investigador como **ab(a)ot(i)b(a)b(a)**, identificativo do proprietário da taça. Como também recordou o Prof. Correa, o NP *Aiotius*, claramente indo-europeu, já era conhecido numa inscrição de Ávila (Abascal Palazón, 1994, p. 263). Repare-se que no grafito em causa é cumprida a regra da sequência vocálica fixa (Correa, 1996a, p. 69); porém, os signos de *i* assumem nesta inscrição uma forma que não tem paralelo em todos os documentos paleo-hispânicos, fenómeno que parece denunciar uma solução de continuidade no uso da escrita, talvez o reflexo das profundas mutações sociais que terão posto fim à cultura do Sudoeste durante o século V a.C. (Gomes, 1992, p. 167).

A inscrição agora analisada vem juntar-se às que foram recentemente recolhidas por V. H. Correia (1996a), às quais há que somar as estelas de Mértola (Faria, 1994; Correa, 1996, p. 71-72), de Barradas (Faria, 1994, p. 62; Gomes, 1996) e outras duas, ainda inéditas, recentemente recolhidas nos concelhos de Almodôvar e Aljustrel. O texto constante da inscrição de Barradas, além de se apresentar actualmente algo erodido, não foi gravado com a profundidade desejável; ainda assim, deixamos aqui registada a respectiva leitura, que difere substancialmente da que forneceu o seu primeiro publicador (Gomes, 1996): **[oaP(o)oi]** / **[iP(o)orii]** / **[aP(a)arenaR.T(i)i]** / **[P(o)oiT(e)ernarK(i)inir]**.

### Integração cronológico-cultural

Já atrás se referiu o carácter não-funerário desta inscrição. Uma outra originalidade é o local de proveniência. Na verdade, esta placa, conjuntamente com o machado votivo de bronze proveniente das proximidades de Moura (Gomes, 1992, p. 162), com quatro signos gravados

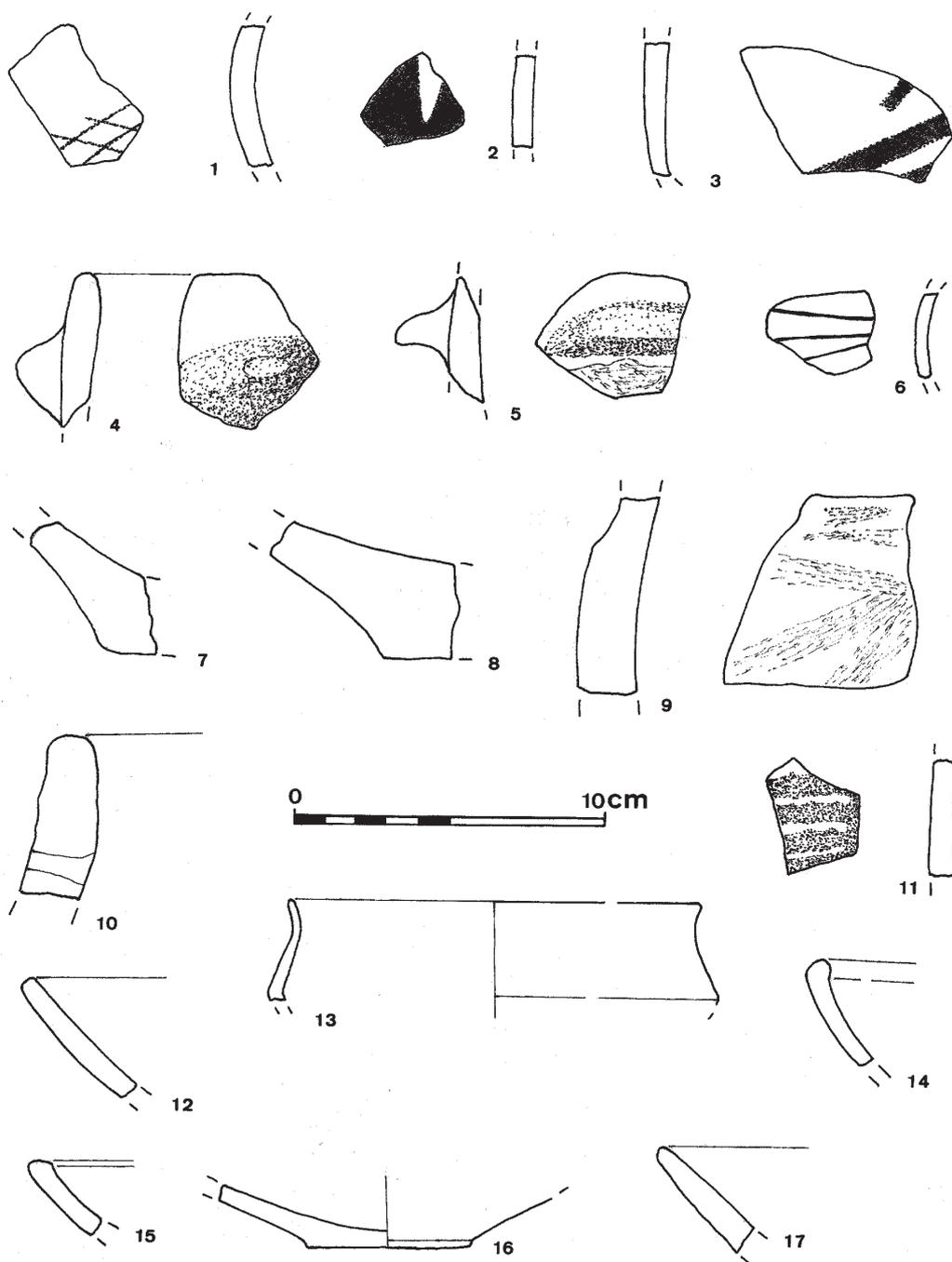


Fig. 4 Materiais de superfície. Bronze Final do Sudoeste: 1-10; Idade do Ferro: 11-17

num dos topos, representam as manifestações desta escrita encontradas mais a norte do território português e como que estabelecem o elo de ligação entre o núcleo do Baixo-Alentejo e a região periférica constituída pelas províncias de Cáceres e Badajoz.

A placa de Baleizão foi encontrada, como se referiu atrás, numa estação arqueológica com diversas ocupações. Nas Figs. 4 e 5 pode observar-se uma selecção de materiais aí encontrados e que podem enquadrar, apesar da ausência de escavações arqueológicas que permitam associações precisas, a placa epigrafada. O Bronze Final do Sudoeste está representado por cerâmica de ornatos brunidos (Fig. 4, n.ºs 1-3), cerâmica rudemente espatulada (Fig. 4, n.ºs 8-9) e cerâmica mamilada (Fig. 4, n.ºs 4-5). Note-se que aqui, tal como no povoado do Outeiro de Santa Margarida (Fig. 1, n.º 3), a decoração da cerâmica brunida surge quer no interior, quer no exterior da cerâmica. Estes povoados abertos, localizados em lugares quase planos e de baixa altitude, sem condições naturais de defesa, apresentam este tipo de cerâmica enquanto que nos grandes povoados fortificados, como o da Quinta do Pantufo (Fig. 1, n.º 2), da Crespa, do Passo Alto, da Serra Alta e outros desta região (Parreira e Soares, 1980; Soares, 1996), os ornatos brunidos surgem, na sua quase totalidade, na superfície exterior dos vasos. Se esta constatação tem significado cronológico ou não, é uma questão em aberto para a proto-história do SO., como o é, também, saber se a cerâmica de ornatos brunidos terá continuado a utilizar-se ao longo da 1ª Idade do Ferro (Correia, 1996c, p. 84). No povoado metalúrgico da Misericórdia (Serpa), prospecções de superfície permitiram a recolha de cerâmica de ornatos brunidos e de cerâmica pintada de tipo ibérico, colocando-se a questão de se tratar de uma ocupação contínua ou de duas ocupações com um hiato entre elas (Soares, 1996).

A Idade do Ferro, no povoado da Folha do Ranjão, encontra-se bem atestada pela cerâmica representada nas Figs. 4 (n.ºs 11-17) e 5. São abundantes os bordos com incisões, bem como a decoração de dedadas e de incisões no bojo dos vasos. Os pratos também se encontram bem representados (Fig. 4, n.ºs 12, 14-17).

A 1ª Idade do Ferro é muito mal conhecida nesta zona da bacia do Guadiana, quer pelos poucos sítios conhecidos quer por ausência de escavações arqueológicas. Os paralelos mais próximos para os vasos com incisões nos bordos encontram-se nas estações da Idade do Ferro dos arredores da Figueira da Foz (Rocha, 1971, p. 121, Ests. IX, XXXII, XXXVII), atribuíveis à 1ª Idade do Ferro. A cerâmica estampilhada (Fig. 5, n.ºs 12 e 15) e a cerâmica pintada de bandas de tipo ibérico (Fig. 4, n.º 11; Fig. 5, n.º 14) da Folha do Ranjão poderão ainda integrar-se na 1ª Idade do Ferro segundo Gamito (1996, p. 110). Por outro lado, a um povoado muito semelhante a este, quer pela sua localização quer pelo material nele recolhido em escavação, o povoado da Herdade do Pomar, foi-lhe atribuída uma cronologia dos inícios da 2ª Idade do Ferro (Parreira e Berrocal-Rangel, 1990). No entanto, essa atribuição cronológica foi atribuída sob reserva e a nós não nos repugna a sua atribuição à 1ª Idade do Ferro, dada a abundância da cerâmica manual decorada com cordões com dedadas e com incisões.

Deste modo, torna-se muito possível que o contexto arqueológico atrás descrito para a Folha do Ranjão esteja associado à placa com escrita do SO. que agora se publica.

Por fim, é de referir a contemporaneidade, pelo menos em sentido lato, com a fíbula de Quintos e com os contextos sepulcrais da Herdade das Carretas referidos por Viana (1946, p. 5-9) e datáveis entre finais do séc. VII e inícios do VI a.C., segundo Ponte (1988, p. 76, 78). A Herdade das Carretas (Quintos) situa-se precisamente junto à via que, tal como foi referido, partia de Folha do Ranjão e se dirigia em direcção a Quintos.

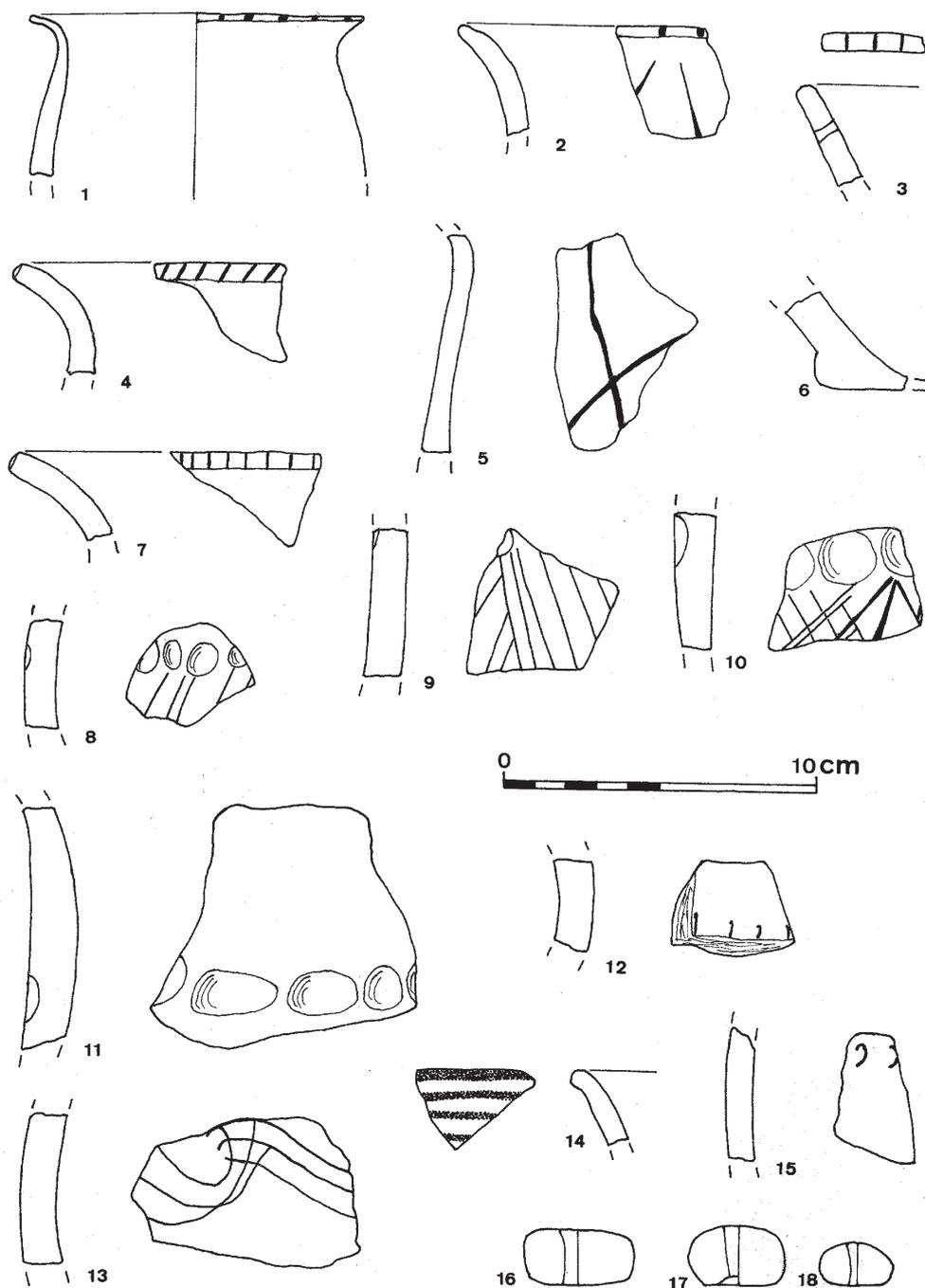


Fig. 5 Materiais de superfície. Idade do Ferro.

### Agradecimentos

Agradece-se ao Dr. Paulo Oliveira as fotografias da placa (Fig. 2).

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia : Universidad.
- CORREA, J. A. (1982) - Singularidad del letrero indígena de las monedas de Salacia (A.103). *Numisma*. Madrid. 177-179, p. 69-74.
- CORREA, J. A. (1987) - El signario tartésio. In GORROCHATEGUI, J. ; MELENA, J. L. ; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV coloquio sobre lenguas y culturas paleohispanicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 Mayo 1985)* [Veleia, 2-3, 1985-1986], Vitoria-Gasteiz : Universidad del País Vasco, p. 275-284.
- CORREA, J. A. (1992) - La epigrafía tartésia. In HERTEL, D. ; UNTERMANN, J., eds. - *Andalusien zwischen Vorgeschichte und Mittelalter*. Köln-Weimar-Wien : Böhlau, p. 75-114.
- CORREA, J. A. (1993) - El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartésia. In UNTERMANN, J. ; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca : Universidad, p. 521-562.
- CORREA, J. A. (1996a) - La epigrafía del Sudoeste: Estado de la cuestión. In VILLAR, F. ; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca : Universidad ; Coimbra : Universidade, p. 65-75.
- CORREA, J. A. (1996b) - El pueblo de las estelas : Un problema epigráfico-lingüístico. In *Las lenguas paleohispanicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia : Real Academia de Cultura Valenciana, p. 233-250.
- CORREIA, V. H. (1996a) - *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto : Etnos.
- CORREIA, V. H. (1996b) - [Descrição da peça n.º 32]. In *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C*. Lisboa : Ministério da Cultura, p.272.
- CORREIA, V. H. (1996c) - Os povoados da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C*. Lisboa : Ministério da Cultura, p. 82-87.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1994) - Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 61-63.
- GAMITO, T. J. (1991) - Greeks and Phoenicians in South West Iberia – who were the first? Aspects of archaeological and epigraphic evidence. In FOSSEY, J. M., ed. - *Proceedings of the first international congress on Hellenic diaspora from Antiquity to Modern Times. Vol. 1: From Antiquity to 1453*. Amsterdam : Gieben, p. 81-102.
- GAMITO, T. J. (1996) - O castro de Segóvia e a componente céltica em território português. In *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C*. Lisboa : Ministério da Cultura, p. 107-111.
- GOMES, M. V. (1992) - Proto-história do Sul de Portugal. In SILVA, A. C. F. da ; GOMES, M. V. - *Proto-história de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, p. 101-202.
- GOMES, M. V. (1996) - Estela epigrafada e necrópole, da I.ª Idade do Ferro, de Barradas, Benafim (Loulé). *Al-ulyã*. Loulé. 5, p. 9-22.
- PARREIRA, R. ; BERROCAL-RANGEL, L. (1990) - O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 29, p. 39-57.
- PARREIRA, R. ; SOARES, A. M. M. (1980) - Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 109-130.
- PONTE, S. da (1988) - Valor residual de seis fibulas da região de Beja : dimensão arqueológica e significado sócio-cultural. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª Série, 3, p. 75-87.
- ROCHA, A. dos S. (1971) - Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. In *Memórias e Explorações Arqueológicas*. II. Coimbra : Universidade.
- SOARES, A. M. M. (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 291-314.
- SOARES, A. M. M. (1996) - Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 103-116.
- UNTERMANN, J. (1995) - Zum Stand der Deutung der 'tartessischen' Inschriften. In ESKA, J. F. ; GRUFFYDD, R. G. ; JACOBS, N., eds. - *Hispano-Gallo-Brittonica. Essays in honour of Professor D. Ellis Evans on the occasion of his sixty-fifth birthday*. Cardiff : University of Wales Press, p. 244-259.
- VIANA, A. (1946) - Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 2, p. 3-33.